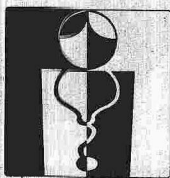


'O Ministro da Saúde deveria ser um paciente'

Ele nasceu na Romênia e veio para o Brasil com 9 anos de idade. Hoje, aos 71 anos, 46 dos quais dedicados à rede pública, tornou-se um dos mais afiados críticos do sistema de saúde no



Brasil. O clínico e nefrologista Jaime Landmann ajudou a instalar a faculdade de medicina no Hospital Pedro Ernesto e por 22 anos fez parte da equipe do Hospital dos Servidores do Estado, de onde saiu em protesto contra a falta de condições de trabalho. Ele acredita

que a maioria das faculdades de medicina deveria ser fechada e que os médicos formados deveriam ser testados. Se dependesse dele, até mesmo os vestibulares passariam por uma reformulação, de forma que, além da capacidade técnica do candidato, fosse testado

seu caráter humanitário.

Para ele está na hora de se criar uma nova especialidade na medicina, a "matarantologia", uma palavra que ele próprio inventou:

— A palavra vem do marasmo. Significaria a especialidade de se ter pena dos doentes miseráveis.

O GLOBO — Os médicos de hoje são melhores ou piores?

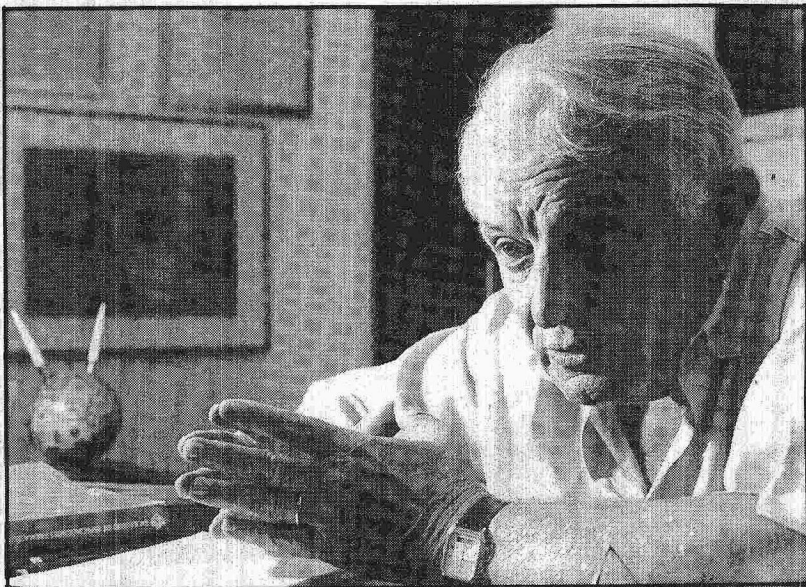
JAIME LANDMANN — Talvez até melhores. Há mais recursos. A medicina está bem mais complexa e os profissionais mais especializados. O que está pior é o atendimento.

O GLOBO — A crise na saúde afeta a credibilidade do médico?

LANDMANN — O médico, como indivíduo, ainda tem a confiança de seus pacientes. Mas não como categoria. Existem inúmeras faculdades de medicina sem condições de preparar o profissional, jogando no mercado pessoas despreparadas. Ao mesmo tempo, o estado não faz nenhum tipo de controle dessas faculdades ou mesmo do trabalho desses médicos. O atendimento está pior por falta de investimento do estado.

O GLOBO — Tem sido comum o fechamento de emergências no final de semana por falta dos profissionais de plantão. De quem é a responsabilidade?

LANDMANN — Quando eu dirigia o Hospital Pedro Ernesto, uma vez um médico começou a faltar. Eu reclamei e ele me trouxe um atestado médico, com direito a mais 15 dias de licença. Descobri que ele estava atendendo normalmente, e marquei uma



consulta. Assim que ele viu meu nome em sua agenda de consultas voltou correndo para o trabalho. Aí eu o afastei. Se os médicos faltam, o diretor tem que pedir o afastamento ou demissão. Se não quer fazer isso, então saia da direção.

O GLOBO — Ao faltar aos plantões, os médicos se dizem desmotivados pela falta de condições de trabalho e por baixos salários. Isso é justo?

LANDMANN — Os médicos em Cuba ganham menos do que os

médicos daqui. Por que lá eles não faltam a plantão? A falta pode ser considerada uma omissão de socorro. Ninguém é obrigado a trabalhar por baixo salário. Pode pedir demissão e comprar um táxi. Assim, além de ganhar mais, deixa a vaga para quem quiser trabalhar.

O GLOBO — O código de ética diz que uma greve não pode afetar a emergência. Esse conceito pode estar mudando?

LANDMANN — Eu nunca vi

“Eu nunca vi uma greve em consultório. Se decidissem não atender, a situação mudaria. Com os ricos na rede pública, haveria recursos”

Elisa Franco

uma greve de médicos em consultório. Se os médicos decidissem parar de atender em seus consultórios, a situação da saúde se resolveria imediatamente. Com os ricos tendo que procurar os hospitais públicos, logo apareceriam os recursos. Acho que quando os médicos param a rede, acabam por defender interesses de quem quer a privatização da saúde. Durante uma greve, os médicos do Hospital dos Servidores atenderam ao então presidente do Inamps, Hésio Cordeiro. O atendimento estava parado para a população, mas o presi-

dente do Inamps foi atendido.

O GLOBO — O que precisaria mudar no nosso sistema de saúde?

LANDMANN — A medicina no Brasil é curativa, e não preventiva. É muito grande o número de crianças vítimas de atropelamento. O estado é responsável porque não dá segurança, não sinaliza o trânsito, não dá saneamento básico para a população. É mais barato colocar água encanada do que construir hospitais. Os hospitais de emergência deveriam acabar. Os hospitais gerais deveriam ter seus setores de emergência.

O GLOBO — O que o senhor acha de o Cremerj realizar interdições éticas em hospitais sem condições de atendimento?

LANDMANN — O Cremerj não tem autoridade para fechar hospitais. Isso não é assunto de ética. Os conselhos de ética também não deveriam tratar de assuntos como omissão de socorro e erro médico. Aliás, deveriam ser reformulados. Não deveriam ser formado exclusivamente por médicos. Deveriam ter filósofos, pacientes, sociólogos, entre outros. Assim, evitaríamos o corporativismo. Aliás, o ministro da Saúde também não deveria ser médico, e sim, de preferência, um paciente.